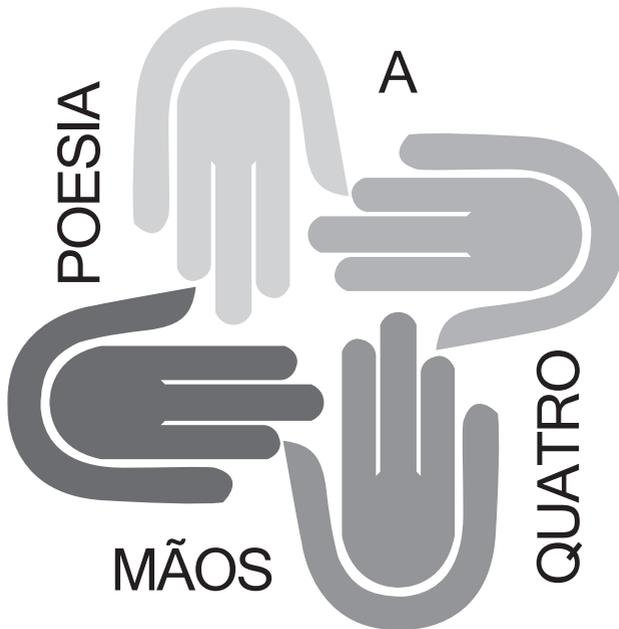




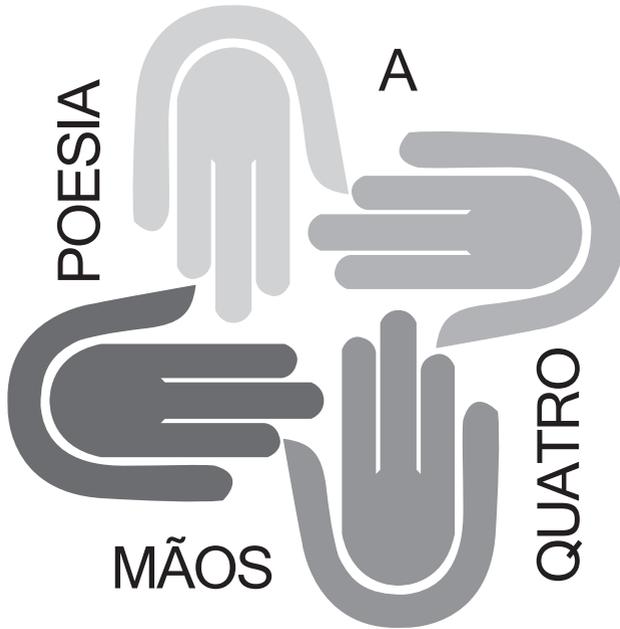
**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**

COLETÂNEA POÉTICA



Gonzaga Barbosa
Márcio Mesquita
Marcílio Sam
Gildo Gomes

COLETÂNEA POÉTICA



**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**
Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o
Desenvolvimento do Estado do Ceará

Fortaleza | Ceará
2014

Copyright © 2014 by Inesp

José Ilário Gonçalves Marques
Coordenador Editorial

Andréa Melo
Assistente Editorial

José Gotardo Filho
**Projeto Gráfico, Diagramação e
Ilustrações**

Gráfica do Inesp
Impressão e Acabamento

Rosimere Silva
Capa

Ernandes do Carmo
Coordenação de Impressão

Lúcia Jacó
Revisão Ortográfica

Rochele Paiva e Valéria Lopes
Divulgação e Marketing

Catalogado por Daniele Sousa do Nascimento CRB-3/1023

P743 Poesia a quatro mãos: coletânea poética / Gonzaga
Barbosa ... [et al.]. – Fortaleza: INESP, 2014.
209p. ; 20cm.

ISBN: 978-85-7973-058-0

1. Poesia, Ceará. I. Barbosa, Gonzaga. II. Ceará,
Assembleia Legislativa. Instituto de Estudos e Pesquisas
sobre o Desenvolvimento do Estado. III. Título.

CDDdir. 869.1

Permitida a divulgação dos textos contidos neste livro,
desde que citados autores e fontes.

Inesp

Av. Desembargador Moreira, 2807 – Ed. Senador César Cals,

1º andar – Dionísio Torres

CEP: 60.170900 | Fortaleza - CE - Brasil

Tel: (85) 3277-3701 | Fax: (85) 3277-3707

al.ce.gov.br/inesp | inesp@al.ce.gov.br

Prefácio

Canto ao amor e à beleza; consciência e sensibilidade sociais e políticas; eminência da subversão. A meu ver, esse é o misto que molda esta preciosa e multifacetada obra poética, esta nobre coletânea que nos é presenteada pelas quatro mãos e mentes desses homens de letras, os poetas pentecostenses, Gonzaga Barbosa, Márcio Mesquita, Marcílio Sam e Gildo Gomes. Uma coletânea em que as quatro mãos passeiam do popular ao erudito, contemplando todos os distintos leitores.

Escrever sobre esta tão rica obra e esses homens, para mim representa um ato de amor, de contemplação ao meu torrão e ao pendor artístico e literário de meu povo, aqui representados pelos autores, e nunca uma forma crítica de testemunhar mais uma literatura qualquer. Afirmo, contudo, que um ato de amor maior ainda foi, decerto, a solicitação desses poetas para colocar humildes palavras minhas neste livro; isto me encheu de uma alegria imensa e um inegável orgulho. Uma honra!

Devo dizer que não conheço, fisicamente, todas essas quatro mãos, porém meus olhos já foram abrilhantados pela leitura da obra. Dos quatro, tenho um louvável contato, quase que íntimo, com o poeta Gonzaga Barbosa, por quem tenho uma estima grandiosa e um respeito muito grande por suas letras.

Degustam-se, aqui, pela mão do poeta Gonzaga Barbosa, deliciosas doses de amor. Primeiro um canto ao amor apaixonado, mas com candura: *“O amor é a sedução do sentimento / É a saudade que machuca o coração./ Amar é conviver com o abstrato / É se prender pelos olhos da paixão.* E mais ali, a eroticidade aflora e arrebatava tudo quanto é pudor e o insigne amante Gonzaga ver-seja: *“Queria me dispor/ Para te despir/ Depois de estar a fim. / De maneira farta/ Com essa raridade/ Sendo o meu fim./Se era o que faltava / encontrei você /Para regar o meu jardim.*

Os primeiros vocábulos que me afloram ao evocar o artista plástico e poeta Márcio Mesquita são: “subversivo e sensível”. É um amante incondicional de sua terra que não tolera as injustiças sociais as quais desdenham e amiúdam seu povo. Nesta obra, o Mesquita canta o amor íntimo, no que é exímio, no entanto, não deixa de ser subversivo e denunciante das mazelas políticas e sociais, quando diz *“Acender fogo, chaleira./ Engolir pão com manteiga/ Vestir às pressas as calças/E a blusa sair vestindo/Desesperar para ônibus/ Subir nas costas dos outros/ bater cartão atrasado/ E ser assado no forno.*

Marcílio Sam e Gildo Gomes, as duas outras mãos que aqui deslizam, nada têm de menos sublimes que os dois primeiros poetas. As letras falam por si e fazem exalar uma qualidade literária e poética extraordinárias. Além dos demais sentimentos, o professor Sam despeja uma fartura de crítica social, com eloquência, e os versos exigentes ecoam coração a fora: *Estou farto.../ Do seu predatismo / Do seu*

*sardônico sorriso/Do seu aperto de mão/Da sua prosopopeia
Estou farto... De tanto ultraje/De tanta quimera. Já o militar
poeta Gildo Gomes, em seu "Axioma", também, rebenta o
amor; e, como os demais poetas, é diverso e transcendente.
Mostra qualidade intelectual com humildade, dos pés à
cabeça, quando diz: *Meu poema não quer ser antigo: /não
quer ser moderno/ nem quer ser intelectual;/ Meu poema não
quer ser direto,/ não quer ser indireto/ nem quer ser pessoal.**

Esta descrição minha, obviamente, não passa nem perto
de tudo que é possível extrair da exposta obra desses quatro
ícones das letras pentecostenses. É apenas o que vislumbro,
inicialmente, com os olhos da alma e do coração.

E com sentimentos múltiplos, deixo para os leitores as
análises mais puras e fiéis uma vez que a obra dessas quatro
brilhantes mãos é muito mais eloquente do que o que pude
descrever aqui, impedido, talvez, pela emoção e ausência de
palavras próprias.

Zeca Amorim

Professor de letras do CEPEPE



Apresentação

“A Quatro Mãos” trata-se de uma coletânea de poemas escritos por quatro amantes da poesia, cada um com suas características e tendências. Senti em minha alma uma imensa alegria, quando me deram a honra de apresentar esta magnífica obra.

Mãos que falam a linguagem do coração, que exalam (a verdade) o verdor da inspiração divina, que proclamam um mundo mais justo, que se juntam, unindo forças para combater os opressores, que tentam calar a voz da liberdade. A poesia vem do coração, das entranhas, da inspiração, fluem como se fossem alimento para a vida.

É divina, mágica, profunda, plena de encantos, com ritmo, harmonia e sensibilidade. O poeta viaja através das palavras e não tem limites onde chegar, vai além da imaginação.

Ao apresentá-lo, devo reconhecer que este livro escrito “A Quatro Mãos” é a expressão fiel da inspiração de cada um, uma diversidade poética que vai do romantismo ao modernismo, esta antologia poética fala dos sonhos, fantasias, anseios e emoções.

Além de representar a realização de um sonho, este livro significa mais uma página na memória cultural de nossa

querida Barra da Conceição, hoje cidade de Pentecoste, um berço de lindas paisagens, onde nasceram estas ilustres figuras que a quatro mãos escreveram poemas que vão perdurar, eternizando seus nomes e enaltecendo nosso município.

É um grito de alerta, preso na garganta daqueles que muitas vezes se sentiram oprimidos e até esquecidos nas velhas gavetas do tempo, quase atingindo o mofo, mas que hoje é uma grande realidade.

Receba-o como um troféu em suas mãos e viaje através das palavras no mundo encantado dos poetas sonhadores.

Genésio Davi de Meneses

Professor e Poeta

Índice

Que Lugar É Esse? <i>Gonzaga Barbosa</i>.....	19
Nota do Autor	21
Dados Biográficos	23
Dedico este livro	25
Sejas Breve	27
Trôpego da Vida	28
Enigma.....	29
Mais Verdadeiro do que Ficção	30
Hoje É Domingo e o Jornal Surtou	31
Revolução Operária.....	33
O Amor.....	34
Carnes Quentes	35
Ditadores.....	36
Pesca-Dores.....	37
Metamorfose.....	41
Que Lugar É Esse.....	43
Sem Ambiente	44
Sei que Vou Morrer	45

Ato Selvagem.....	46
Rotina.....	47
Caminhada.....	49
Infarto	50
Alusão.....	51
A Verdadeira Superação Veim	52
A Mão e a Pena.....	53
Predadores	55
Quando Você Saiu de Mim	56
Metamorfose.....	59
Paradeiro	60
Fotos.....	61
Plano Cartesiano	63
Mulher	64

Os Meninos da Rua Sete | *Márcio Mesquita*..... 65

Nota do Autor	67
Dados Biográficos	69
Dedicatória.....	71
Os Meninos da Rua Sete	73

Orgulho da Mamãe.....	74
O Meu Canto	76
Duelo	77
Meu Pai me Ensina Tudo o que Eu não Quero Aprender	79
Romance com Você.....	80
Aos 43 do 2º Tempo.....	81
Teoria	83
Fábrica	85
Ocaso	86
Aos Ladrões de Bagdah.....	87
Um Dia Tudo Isso Será Ateu.....	88
Bebendo Você.....	89
Amor pra Vida Inteira.....	91
Sem Mães e sem Paz.....	92
Distância.....	93
A Velha Máquina.....	94
Grito de Alerta.....	95
Arquitetura dos Insanos	97
Que Saudade dos Grandes Amores	98
Curare.....	99

Tem Dias	100
Bolero.....	101
Homo Infames.....	103
Primitivus Habilis.....	104
Rejuvelhecendo	105
Inocência	106
Apasionadamente Piegas	107
Palavras Cruzadas	109

Eros | *Marcílio Sam*..... 111

Nota do Autor	113
Dados Biográficos	115
Dedicatória.....	117
Fobia	119
Findo Ato	120
Simetria	121
Noturno.....	122
Excêntrico.....	123
Crime	125
Hóspede	126

Psicotrópico	127
Dois	128
Nós	129
Unidade.....	131
Náufrago	132
Fartura	133
Impulso.....	134
A Mosca.....	135
Pileque	137
Eros	139
Colisão	140
Fluxo	141
Cacos.....	142
Cômodo.....	143
Arado.....	145
Dois Segundos.....	146
Acervo	147
Comum Refrão	148
Coração Vermelho	149
Janela.....	151

Trottoir	152
Ah!.....	153
Poesia Abstrata.....	154

Axioma | *Gildo Gomes* 155

Nota do Autor	157
Dados Biográficos	159
Dedicatória.....	161
Agradecimentos	163
<i>In memoriam</i>	163
A Mão	165
Tempestade.....	166
O Meu Amante.....	167
Soneto à Morte	168
À Revelia	169
Diana.....	171
Conselho.....	173
Miséria.....	175
Da Cabeça aos Pés.....	176
A Montanha.....	177

A Bomba.....	178
Diabinho.....	181
Incompleto.....	182
Pobre Deus.....	183
Sob o Signo do Luar.....	184
Boca.....	185
Os Idiotas.....	186
Preciso.....	187
Doces Bárbaros.....	188
Adoração.....	190
Axioma.....	193
Donas da Noite.....	194
Monte Castelo.....	195
Abismo.....	196
Meu Poema.....	197
Intacto.....	200
Meus Amigos.....	201
Ao Mestre, com Carinho.....	203
Eternidades.....	204
A Descoberta.....	207



Que Lugar É Esse?



Gonzaga Barbosa



Nota do Autor

Brilhante ideia dedicar uma coletânea poética aos nossos patrícios, mesmo não sendo reconhecidos pela gentil pátria. Tudo aconteceu quando sentamos para avaliar, ou simplesmente fazer a revisão de *Rir é o Melhor Remédio* num barzinho da Avenida João Pessoa. Nossa! Vocês precisavam ver a cara do gordo, seus olhos brilharam quando lhe mostrei o projeto e falei: “vou convidar Marcílio Sam e Gildo Gomes para reunir em um só livro esse dispositivo para homenagear a nossa terrinha.” O material já estava pronto e foi só colocar no papel, até porque nós já tínhamos tentado essa proeza nos idos dos anos noventa.

Foram apenas dois telefonemas e uma reunião na casa de Gildo Gomes, visto que o material do Marcílio já estava com o Gildo e o de Márcio estava comigo. Então, para formar a coletânea só precisei de uma semana conectado ao computador. Essa coisa de literatura é muito interessante, e transar poesia é bem mais ainda, pois são quatro caras de temperamentos diferentes, mas com textos mais e mais afiados e de retaliação sistemática para arrebentar os nervos dos leitores ociosos. Não me surpreende o estilo crítico de cada poeta, mas me atribuiu uma escolha mais criteriosa nos meus textos para dá maior sabor e qualidade ao prato.

Na verdade, participar de um projeto dessa envergadura é transitório para qualquer artista, pois participam, a meu

ver, os mais notáveis poetas pentecostenses, que trazem nos seus currículos poemas como: **Meninos da Rua Sete**, (Márcio Mesquita), **Noturno** (Marcílio Sam), **Axioma** (Gildo Gomes) e para que não haja fuga de avaliação, eu próprio me avalio em **Infarto** (Gonzaga Barbosa). O que podemos chamar de saltos para se eternizarem poetas: “homens que gostam de fazer artes brincando com as palavras...”

Gonzaga Barbosa

Dados Biográficos

(cinco décadas, uma vida)

1964 - Nasci na fazenda Carrapato, observado pelos olhares vesgos dos meus avós e amparado pelo amor dos meus pais (mesmo sendo de origem simples). Infância normal, como qualquer menino do interior da época.

1974 - Mudei-me para Pentecoste depois das primeiras lições de dona Irene e Raimundinha. Um dos motivos maior foi a enchente do rio Canindé que levou toda plantação de meu pai. (quando não era seca, enchente)

1984 - Concluí o ensino médio e me instalei na capital do estado em busca de caminhos melhores. Trabalhei na Fiação Nordeste do Brasil (Finobrasa). E lá participei da primeira apresentação e exposição de artes.

1994 - De volta a Pentecoste, conclui o fundamental e participei, ativamente, do trabalho comunitário do meu bairro, Pedreira. Elejo-me Conselheiro Tutelar e, conseqüentemente, vereador municipal.

2004 - Termina meu mandato político e, também, o curso de Pedagogia, e com mais ênfase abraço o meu lado (escritor). Organizei projetos e publiquei livros no campo da poesia, sátira, crônica, pensamentos e comentários.

2014 - Quero estar vivo... E já ter publicado os livros. *Silvos, Rir é o Melhor Remédio e Poesia a Quatro Mãos.*



Dedico este livro:

aos repentistas

*Antonio Jocélio, Ari Teixeira e
Fontineles Gomes*

aos cordelistas

Amâncio Lima e Romário Braga.

aos poetas

*Cabralzinho, Cléa Campelo,
Ivone Feijó, José Brasil,
Zé da Léguas e Genésio Meneses*

aos *blog*

*Notícias de Pentecoste e
o nosso Café com Notícias*

e à memória dos repentistas

*Francisco Barbosa de Lima (Cego Barbosa) e
Acêles Pitombeira.*



Sejas Breve

Sejas breve...

Pois o tempo não costuma esperar.

É bom saber que em outros casos houve evasão

E a paixão que era única e verdadeira foi em vão.

Recapitulando outros casos de amor, sugiro sua atenção.

O momento não pode esperar.

Sejas breve...

Trôpego da Vida

Tenho uma alma trôpega, imune.
Um corpo fétido um coração moleque.
Nada temo, defino-me com o que me reprime.
A causa as angústias e os momentos macambúzios.

Não acalanto a paixão, sou viril.
Nem me procuro no âmago das flores.
Não é de meu costume repensar, é pueril.
Se repensar, desfazo, entro em equivoco.

Trôpego da vida, analiso a morte!
E vejo uma passagem que se prende ao meu fim.
Desisto da maculada sorte a fim
De uma dependência de alças e negritude.

Trago no peito ferido a supremacia da queda
E as mãos sujas por necessidade.
Tenho o subconsciente sóbrio
E acho que eu deveria ter nascido pedra.

Enigma

Sou um poeta...
Falei das flores
Semeei prazeres
Omiti as dores.

Denunciei o caos
Multipliquei amores
Saltei obstáculos
Esqueci rancores.

Denunciei verdades.
Esqueci valores
Aplaudi atores.

Vivi saudades.
Chorei horrores
Só não decifrei amores.

Mais Verdadeiro do que Ficção

Quisera mensurar o meu ilimitado amor!
Mais verdadeiro do que ficção.
Quanto mais profundo do que denso
E que não se recomende uma medicação.

Um amor que não se venda ou não se finja.
Ao ser dispersado pelo coração.
E quando se auscultar os batimentos
Se presuma que seja a lava de um vulcão.

Quisera esse amor longe de ser platônico
Mas que se reduza em ser lacônico.
E que compreenda as suas limitações!

Um amor que não passe a ser o fim de tudo
Mas que me proteja em seu escudo.
E que se compreendam pelas suas ações!

Hoje É Domingo e o Jornal Surto

Hoje o jornal falou de tudo um pouco
Mais esqueceu a manchete principal!
Denuncio o Joãozinho que traficou.
E não falou no trafico de influencia do governador.

Hoje o ibope rompeu com o rei Marinho
E não escondeu a prisão de dom Macedo!
Transgrediu na eleição do Vaticano.
E evitou falar sobre a morte de Tancredo.

Não anunciou a privatização de FHC
Mas abafou o escândalo do PC.
Hoje é domingo: e o jornal SURTOU.

Não denunciou a quadrilha da TT
Mas denunciou os mensaleiros do PT.
Hoje é domingo: e o jornal SURTOU.



Revolução Operária

Estamos pra luta de qualquer jeito
Em repúdio à repressão e ao preconceito.
A nossa luta é ostensiva e se ostenta
Quem quiser que se prepare
Pois nossa cara não esconde a face
Está sempre viva...
É independente da burguesia
É inimiga mortal da heresia

Já passamos fome, fomos escravos.
Hoje somos homens livres e bravos
E ninguém calará as nossas vozes
Pois aprendemos com a vida
Que o mal da ferida é a infecção.

São nas portas das fábricas, colégios e praças
Que enfrentamos policiais
É nas esquinas e nas ruas
Que levamos porradas
E continuamos reivindicando.
Nos sentimos decrépitos do capitalismo
Nossos passos curtos andam muito mais
Que as ondas astutas da corrupção.
Alô, Alô elites.
Beijinhos, beijinhos patrões.

Ao SINDSEPE pela sua luta em prol de um serviço público e de qualidade.

O Amor

O amor é a sedução do sentimento
É a saudade que machuca o coração.
Amar é conviver com o abstrato
É se prender pelos olhos da paixão.

O amor é a liberdade do oprimido
É a alma que sobrevive dos ataques.
Amar é se conter quando ofendido
É dividir com a alegria os seus males.

O amor é o prazer dos persistentes
É a dor do querer que o peito sente.
Amar é a vida em revelia.

Amar é dividir com o outro o pão
É matar a sede pela infiltração.
O amor de poeta é a poesia.

Carnes Quentes

Nas curvas do teu corpo
Deslizei o meu olhar.
Invadindo as melaninas
Pra poder te cultuar.

Quando joguei minhas vestes
Depois de te beijar.
E enroscado no teu corpo
Resolvi te desenhar.

Como um animal no cio
Canoeiro sem ter rio
Feito à fome de AMAR.

Feito o fogo de um pavio
Fuzileiros sem navio
Como o rio abraça o MAR.

A Valéria Lopes.

Ditadores

Guarda as tuas palavras
Para te explicar.
No teu próprio inferno

Guarda as tuas instâncias
Para te complicar.
No teu fogo eterno.

Guarda as tuas armas
Para te esquentar.
No frio do teu inverno.

Guarda as tuas nuances
Para te completar
No teu quarto interno.

Guarda as tuas lembranças
Para te eternizar
No teu último terno.

Pesca-Dores

Pudera...
Os meus olhos
Alcançar aquela ilha.

E na fuga as minhas mãos possam pelo menos tocar
Aquele embarcação!
No meu barco a vela...

Como um simples pescador.
Que de instante a instante
Perdera a noite de vista.

E abraçado ao calor dos filhos
Mata o frio da fome!
Entre os peixes...

Hoje basta!
Já dei de garra do meu último pescado
E pus à venda...

Porque amanhã na minha choupana
Só preciso de um rio
Para navegar.

Esse poema foi adaptado para a literatura infantil... Texto **Gonzaga
Barbosa**; ilustração: **Erandi Muniz** - UMA VIAGEM NAS ÁGUAS DO
PEREIRÃO. PESCA - DORES!



Metamorfose

(preciso parar)

De fugir!
Do amor.
De atrair!
O pavor.

De fingir!
Que amei.
De omitir!
O que sei.

De insistir
Sem sentir
A paixão...

De perdoar
Sem escutar
O coração...



Que Lugar É Esse

Que lugar é esse?
Onde os meninos soltam pipas
E comem o lixo do governo.

Que lugar é esse?
Onde a juventude anda torpe
E ainda vota no governo.

Que lugar é esse?
Onde a fome e a pobreza
Elegem parte do governo.

Que lugar é esse?
Onde a sociedade paga impostos
E não participa do governo.

Que lugar é esse?
Onde abusar do poder público
É privilegio do governo.

Sem Ambiente

Estou seguro nos galhos
É que depois das queimadas
Raízes e caules
Se perderam na estrada.

Estou sem meio ambiente
E se respiro exalo
Poeiras e cinzas
Nos canteiros e nos ralos.

Estou no centro da terra
Mais o que me incomoda é a serra
Na sua destruição.

Estou à mercê da indústria
Que polui os meus dias
Na sua operação.

Sei que Vou Morrer

Sei que vou morrer...
E onde vão jogar o meu cadáver?
Indaga-se.
Num fosso de um lúgubre cemitério?
Na rampa do lixo da cidade
Ou talvez na capela pra idolatrar-me.

Meu corpo velado sem vela
Minha cara vergonhosa sem riso
Meu caixão marchetado sem flores.

Falsas orações e risos hipócritas
Etéreas comemorações a um velório pobre.

Ato Selvagem

Pouco importa o teu estado mórbido
Você é lasanha no meu paladar.
Onde que estejas me manda notícias
Que mesmo estando morta irei te visitar.

Onde o teu corpo possa ser velado
No teu sossego vou me lambuzar.
Às pressas, mas sem medo do prazer.
Vou tão somente por te desejar.

Mesmo que seja um ato selvagem
Seremos a mais nova visagem
De mãos dadas entre os túmulos.

Se na fantasia de um corpo desejado
Morre cada ser pelo pecado.
Que não seja tudo isso um cúmulo.

A Graça Sá.

Rotina

Quatro horas da manhã
Tu me acorda.
Sete horas traz o café
Pra eu tomar.

Meio dia tu me chamas
Pra almoçar
À tarde fico esperando
Tu chegares.

Quando chega a noite
Eu me completo
Mais um inferno
Aproxima-se do meu leito

A rotina de nós dois
Desfaz a cama
E meu coração
Dividido queima em chamas.

São dois corpos
Que na cama passam mal
E entram em cena
Pra viver o social.



Caminhada

Na sua caminhada ficaram as pegadas
E o fervor de um ser revolucionário.
Na sua história um sonho antecipado
Voz ativa em defesa do operário.

Quantas noites velaram os seus dias
Numa quebra de sigilo matinal.
No seu prazer se instalou a rebeldia
Pra demolir o jejum do social.

A sua pena foi além da força bruta
Afiou e foi parceira na sua luta.
Fechou-se pras algemas do passado.

A sua revolução hoje é plena no seu lar
E na minha mesa tem sabor e paladar.
Distancia-se dos prazeres do pecado.

A Gilvan Rocha.

Com todo fervor revolucionário.

Infarto

No topo o meu corpo em cremação
Nem esperou o jazigo
Na sua ambiguidade.

Deixou cinzas espalhadas
E labaredas de orações.
Que antes queime as calorias!

Deus me livre desse infarto
O mais previsto. “Diz meu coração”
A meu estado fúnebre.

Deus me livre desses tantos anos
De colesteróis e triglicérides
Navegando no meu sangue azul.

Só você meu endocrinologista
E o medo da morte
Fizeram-me caminhar e no meu prelúdio jejuar.

A Rengaf Huste.

Alusão

No amor tudo se converte
É sonho que se realiza
E no convívio se completa.

Não há nada que no amor
O desejo não desperte
Até o impossível se conecta.

Ainda há de existir um amor
Absoluto, livres de tabus.
Sem essa de coração partido.

Todo amor traz leveza ao ser
Mesmo quando se quer começou.
O insensível sofre por amar indevido.

A Verdadeira Superação Veim

A verdadeira superação
Chama-se Veim.
Que sofre de uma anomalia
E do Estado espera os rins.

Enquanto outros se matam
Romário luta veemente.
E sem medo de ser feliz
Vive a sua vida normalmente.

Na fila do transplante
Espera doravante
Do **SUS** uma ação.

E de olhos no futuro
Quebra um rijo muro
Com o coração.

A Romário Barbosa.

A Mão e a Pena

As mãos que escondem os calos!
Não são as mesmas que empinam
O mastro da bandeira

As mãos que batem palmas!
Não são as mesmas que aliviam
No alto da oliveira

As mãos que expõem as palmas!
Não são as mesmas que escravizam
De segunda a sexta-feira.

As mãos que levam à pena!
Não são as mesmas que assinam
Nos galhos da videira



Predadores

Num campo de batalha
Os predadores.
Agonizam em seus pecados
E atacam os seus amores.

Já por medo os predadores
Não competem mais.
Pois o mundo está perdido
No reino dos animais.

E entre amar e ser amado
Os predadores são ilhados
Pela fantasia.

E se execrados do perdão
O amor vira ilusão.
Em demasia.

Quando Você Saiu de Mim

Sem Sol, Sem Ar/ Sem Luz, Sem Mar.

Ficou o meu corpo
Quando você saiu de mim.
Pois faltou água para regar
O meu jardim.

Sem Luz, Sem Mar/Sem Sol, Sem Ar.

Faltou o oxigênio
E deixei de respirar.
Quando você saiu de mim
E tirou meu paladar.

Sem Sol, sem Ar/Sem Luz, sem Mar.

Caminhou a minha alma
Num mar de solidão.
Quando você saiu de mim.
E partiu meu coração.

Sem Luz, Sem Mar/Sem Sol, sem Ar.

Fiquei meio desatino
Querendo te encontrar.
Quando você saiu de mim
E levou o meu olhar.

À cachorrinha de DADÁ.



Metamorfose

(eu canto)

A vida!
Os males.
A lida!
Os vales.

A morte!
Os mares.
A sorte!
Os ares.

A luta!
Os sonhos
A labuta.

A sina!
Os ventos
A rima.

Paradeiro

Quisera escrever alguns poemas
Para noticiar o meu paradeiro.
E supostamente me encontrar
Como se encontra agulha no palheiro.

Quisera rabiscar alguns poemas
Nas páginas do New York Times
Para esclarecer as minhas dúvidas
E denunciar os meus reclames.

Quisera arremessar alguns poemas
Para o interior de um coração
Mesmo que o amor no corpo inflame.

Quisera alterar alguns poemas
Para divergir com a solidão
Mesmo que o conteúdo me reclame.

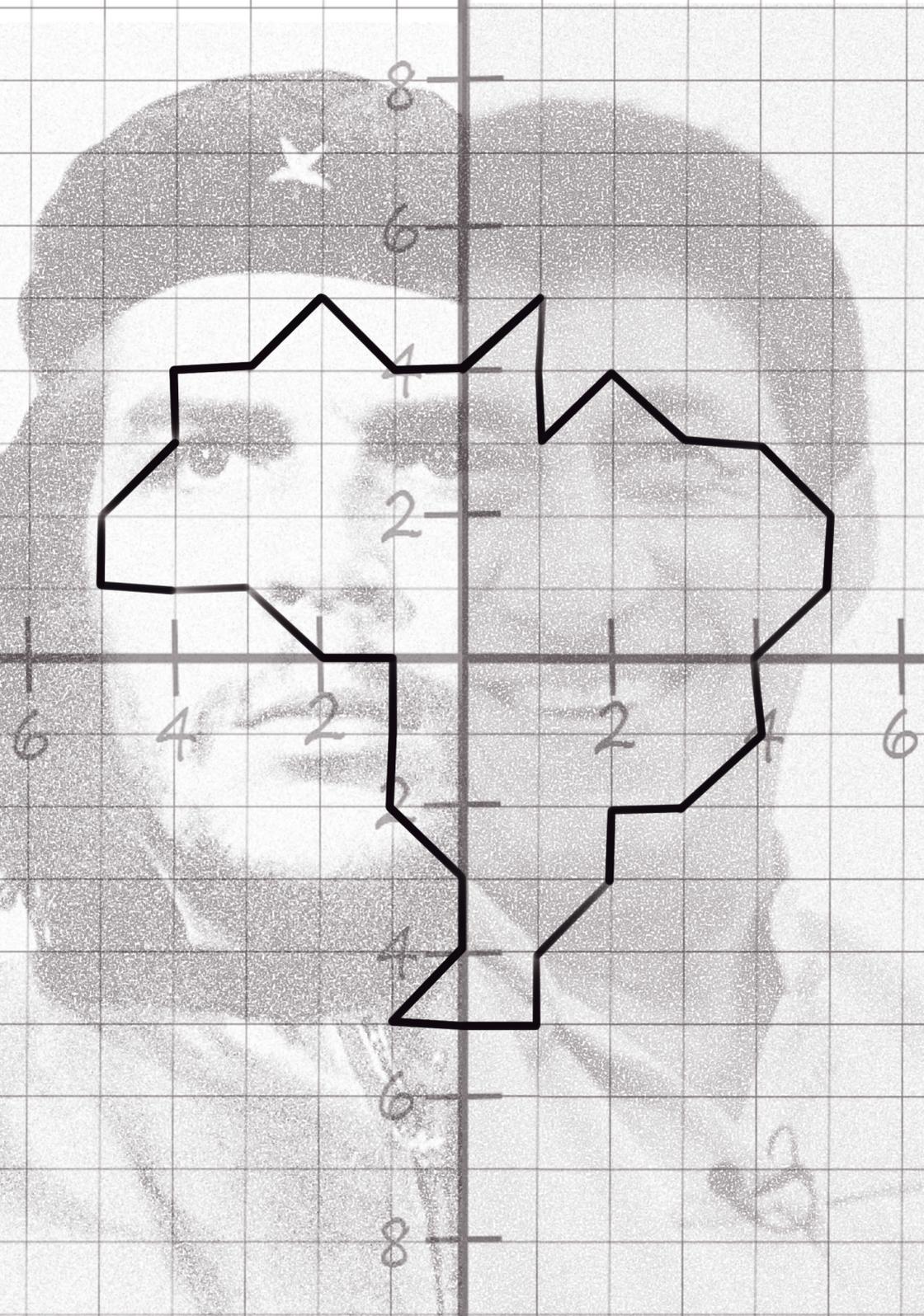
Fotos

Faço a minha leitura no teu corpo
Copiando o teu símbolo sexual.
E palavra por palavras junto às letras
De uma forma poética e escultural.

Entrego-me aos gibis e coquetéis
Folheando revistas no banheiro.
Em vez dos fatos são as fotos que interligam
O meu olhar no teu olhar de corpo inteiro.

As sensações são os motivos que me testa
E devorando a leitura faço a festa.
Numa vaga proibição.

Multiplica-se divido e faço a soma
Embriago-me enquanto você toma.
Minhas aulas de sedução.



8

6

4

2

4

6

8

6

4

2

2

4

6

Plano Cartesiano

ANOS 80

Movidos à Fagner...
Bebíamos os anos oitentas.
Degustando Raquel Gullar e Bel.
E ainda influenciados por Guevara
Sonhávamos com uma nova América Latina.

Éramos assim...
Um plano cartesiano entre o real e o absolutismo.
Éramos até meio comunistas.
E se bem quiséssemos, interlocutores do prazer.
Quase que utópicos.

Fomos muito mais...
A barra da Conceição em pessoa.
E o Pereira de Miranda em seus açóites
Com ar de precisão.
Um sonho futurista de muitos anos idos.

E sendo assim...
Ganhávamos nos delírios a visão das coisas
Sendo anarquistas graças a Deus.
Nos tempos em que ter uma boa juventude
Era dizer não as drogas e sim ao Legião...

Mulher

É um esbanjar de nobreza como arte
Na luz dos olhos e no olhar.
Uma Diva esculpida em qualquer parte
O cio da terra no seu desenhar.

Tem uma chama ardente no andar
Corpo, dádiva, alma, e coração.
A mais notável e louvável criação
A maior inspiração de NIEMEYER

Um livro, o folhear, uma lição
A itinerante costela de Adão.
Um todo. A precisão: um ser mulher!

Uma musa, a ambição de se amar
A sensatez, o estereótipo o desejar.
Um tudo. A expressão: de ser mulher!

*A Rita Oliveira,
Mãe.*

*Os Meninos
da Rua Sete*



Márcio Mesquita



Nota do Autor

(Um autoelogio ou falsa modéstia, mas vamos lá).

Os textos que cedi para a composição desta coletânea foram escritos nos anos 80.

Éramos beleza, força e uma vontade de aprender com os grandes poetas. Ainda era possível sonhar, ainda era preciso sonhar e nós não seríamos poetas caso não bebêssemos doses substanciais de Fernando Pessoa, Ferreira Gullar, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Augusto dos Anjos e uma lista interminável de mestres da poesia brasileira e portuguesa.

A prosa, sempre, foi um desejo ao alcance da mão e lá estavam: Machado, Alencar, Graciliano e Rosa, os portugueses contribuíam com Eça e Saramago, porém, a prosa, como prática, é ofício para iniciados e de minha parte percebi que o caminho apontava para a poesia e, necessariamente, para um texto combativo. A maneira crua como estes textos vinham e eram postos no papel passou a ser minha marca registrada.

Assumir-se poeta (num lugar onde questiúnculas são resolvidas à base da força, e pessoas, aparentemente, bem intencionadas costumam mudar de lado a cada novo pôr-do-sol) era um desafio para uma geração que falava em liberdade e modernidade, vivendo dentro de uma estrutura provinciana e fadada às mais absurdas formas de abuso e de poder. Esse estado de coisas não conseguiu

sufocar a poesia que nos movia para um amanhã melhor e hoje é com uma grande alegria que participo deste livro.

Márcio Mesquita

Dados Biográficos

03 de julho de 1967 - Nasci na imensa e movimentada cidade de Pentecoste (meu primeiro amor).

Cresci à beira-rio, aos pulos e cangapés, comendo bananas corudas, que minha avó amassava, numa cuia (banda de cabaça) cheia de farinha.

Anos 70 - Fui educado no melhor lugar do mundo, o lar. Aprendi a ler antes de saber ler, os quadrinhos (HQ) eram presença constante e a música fazia-se ouvir a todo instante.

Anos 80 - A cidade é Fortaleza e a fase é adolescente, as coisas vão acontecendo na velocidade da luta, descubro o poeta e aniquilo a solidão.

Anos 90 - As artes plásticas invadem minha vida, determinando o caminho a seguir.

Anos 2000 - Viver de arte é o desafio a ser superado e a arquitetura e o designer dão o tom desta nova modalidade criativa.

Ano 2010 - Transformo-me em marca, produto e tendência. Busco a produção de objetos, ecologicamente, corretos e estabeleço-me como escultor, pintor e designer.



Dedicatória

Para João Luã,
razão do meu amanhã.
E Maria Andréa,
minha melhor ideia.

Rua Sete



Os Meninos da Rua Sete

Os meninos da Rua Sete
Jogam bola, cheiram cola.
Levam sola,
E saltam feito molas.

Os meninos da Rua Sete
Soltam pipas
Do coração fazem tripas
Pastam fome

Os meninos da Rua Sete
São legais, são reais.
Ilegais, gente boa.
Vivem pelos canais
Desvairados, à toa

Os meninos da Rua Sete
Vão crescendo
E o medo já não lhes consome
Cheiram cola, rasgam tripas.
Viram homens

Os meninos da Rua Sete
Estão presos, indefesos,
Sem esperança
E este homem pequenino
Feito um Fernando Sabino
Quer poder, quando crescer,
Ser menino

Orgulho da Mamãe

Mamãe um dia quis
Ter um belo rapaz
Autor de madrigais
Um Antônio Houaiss
Ou um similar seu
Mas, destino infeliz,
Não foi como ela quis
E nasci Eu

Mamãe sempre pensou
No filho ser doutor
Capaz ou capataz
De ser além do mais
Mas o destino atroz
Sequer a percebeu
E nasci Eu

Mamãe até pediu
Um filho varonil
Falante e viril
Um Mohamed Ali
Mas, destino cruel,
Minha mãe, não atendeu.
E nasci Eu

Mamãe falava em mim
Como se eu fosse assim
Irmão do Ibrahim
Bonito e social
Eis que o destino mal
Não quis vê-la feliz
Nasci babau

Possessivamente Mundo

Minha vida
Minha querida
Minha Mãe
Minha lida
Minha ferida
Minha cura
Meu emprego
Meu sossego
Meu espaço
Meu sonho
Meu vinho
Medonho
Meu mundinho...
Miudinho

O Meu Canto

O meu canto deve ser
Para se ouvir bem alto
Pra denunciar assaltos
Para desvendar escândalos

O meu canto é um pedido
De liberdade total
O meu canto será lindo
Livre, infinito, letal.

O meu canto deve fluir
O meu canto vai influir
Num julgamento fatal.

O meu canto vai fluindo
Pode ser até o hino
Do meu juízo final.

Duelo

Fique aí, não fuja.
Ria da minha mente suja
Saque e atire primeiro
Enfrente este pistoleiro

Quebre a corrente elo a elo
Vencendo-me num duelo
Posto que o mundo é pequeno
E demais para nós dois

Fique aí, não se aproxime.
Deixe que expire o último suspiro
Não vá me ver morrer sem gargalhada
O choro é uma arma carregada
Veja o sol se pondo do lado contrário.
Anunciado a queda do adversário

Fique
Fixe
Fim



*Meu Pai me Ensina
Tudo o que Eu não
Quero Aprender*

É necessário refinar o dia
E abrir manhãs de sol na tempestade
E quando esta voltar , ter a coragem
Para enfrentar o tormento da tormenta

Ainda há muito por fazer e eu sei
Que uma vida longa e ainda outra
É curto tempo pra longa travessia
E que se viva antes que morra.

De forma séria, gradual, sensata.
Quero moldar a pátria de meus filhos
Fazendo-os entender que o mais belo templo
É o mais belo exemplo

E se der tempo e Deus me permita
Conhecimento pra uma vida sã
Dividirei feliz minha marmita
Com a linda Andréa e o bom e bravo Luã.

Romance com Você

Apague-se luz
Desejo
Invada-me
Em escuridão e sexo

Apague-se este complexo
Invada-me
Em profusão
De boca e beijo

Atenha-se sim
A tudo o que é sagrado e leviano

Faça no meu corpo
Um plano cartesiano
E me transforme
Em linhas, retas, curvas,
Parabólicas formas

Aos 43 do 2º Tempo

Os dias têm, rigorosamente, 24 horas. Vivo as dores de cada segundo, não me desligo, trabalho. Os momentos de relaxamento são poucos, mas necessários. Exercito o corpo gordo de forma indecente, doem-me articulações que não supunha existirem e sobre as quais não tenho o menor controle. Disciplino movimentos e respiro mais do que deveria, abro a boca quando deveria fechá-la e fecho-a quando menos espero. Busco a melhor adequação. Poemas uivam em estado bruto e o velho cérebro, que expandi com força e sorte, já não atende a alguns comandos. Até aqui, tenho medo do que possa vir. O futuro é um emaranhado de surpresas, ora boas, ora sôfregas. Atrelo ao cavalo de batalha o talento e a perspicácia, necessários à longa cavalgada que se avizinha. Amanhã é toda fantasia a que me proponho ter, estou seguro e farto; faminto e fértil e há uma succulenta dieta a ser feita. Todo hoje é vivido com volúpia. Medo e coragem são ingredientes do bolo que terei que engolir. As alegrias resumem-se ao aconchego familiar e as promessas de dias melhores. Sacrifício é parte do contrato. Quanto tempo tenho? Existem coleções a serem feitas e quadros, ainda, não pintados e a obra será sempre maior que o criador. Cometo as imprudências possíveis, erreí até onde devia. Acordo para a realidade, durmo para encontrar o sonho e sonho que acordarei doente. Não há limites para a criatividade, agora eu sei que posso tudo.

Não digo o que não quero, não faço o que não vivo.
Coerente, agarro-me a todo tipo de saudade. È saudável!
Daqui a pouco inventarei um mundo menos colorido e
assumirei meu caminho em preto & branco.

Sinto dores, mas ninguém combinou que tudo seria um
mar de rosas.

Teoria

Toda a teoria baseada em erro
O cálculo secular falho em segundos
A visão microscópica do mundo
A tecnologia reduzida a um berro.

A síntese, a sinopse, o sincretismo.
A redução a pó, migalhas, prótons.
O alimento básico, a luz, o fóton.
O moderno, o modernismo moderníssimo.

Aqui, agora é aquém, já era.
Ali, lá fora é além, já fora,
E a lenda já não mais existe
Máquina estagnada, dedo em riste,
Significando o trauma sem solução
Nunca mais sim, só não e não e não



WELCOME!!!

Fábrica

Acender fogo, chaleira.
Engolir pão com manteiga
Vestir às pressas às calças
E a blusa sair vestindo.

Desesperar para ônibus
Subir nas costas dos outros
Bater cartão atrasado
E ser assado no forno.

Ouvir sirene tocando
Sair correndo pro prato
Engolir sola e sapato
E ser assado no fogo.

Andar correndo pro forno
Ouvir sirene tocando
Vontade de pedir socorro
Escorrer o suor da testa.

Ouvir sirene, que festa.
Deixar no cabide a farda
Enfrentar gente na praça
Sair no braço e na raça.

Casualmente anoiteço
E teço sonhos libertos
Acordo, forno, chaleira.
Engulo em seco e vou indo.

Ocaso

Vais espernear, gritar.
Tentar reagir, por fim.
Vais te desesperar
E então constatar
Que teu fim é em mim

Vais trair, matar.
Fugir, consumir, fingir, obrigar.
Definir, redefinir, conspirar.
Aluir-te que em mim vais te acabar

Ainda irás
Definhar, resistir, malograr.
Destruir e admitir por fim
N'algum lugar
Que ao tentar conjugar
O ato de amar começa em mim.

Aos Ladrões de Bagdah

Descemos as escadas da pátria amada
Colocando nossas sacadas nas calçadas
E somos nós aos milhares
Perdidos pelas sarjetas
Sem voz
Sem livros ou lares
Sem língua, mãe ou poetas.
E assim
Feito bicicletas
Nós pedalamos a esmo
Não mudam nossos profetas
São os mesmos

Um Dia Tudo Isso Será Ateu

Não tenho opção ou alternativa
Razão ou divisa
Somente tenho o que proponho
O sonho.
Eu penso e entendo
Você me entende?
Meu sonho não se vende,
Transcende
Não sou sério, sou hilário.
Sou patético ou sou prático
Mas não caio no conto do vigário
No interior de um templo gótico.
Creio, receio e crio
Confio.
Desafio um cristão de fé
Apeio.
E assim sendo, assim fica.
Fazer justifica o silêncio
Crer na energia, nós em movimento.
Prontos pra matar
Roubar, fazer justiça.

Bebendo Você

Se sou o que sinto
Eu sinto você.
Se sou o que vejo
Eu vejo você.
Se sou o que bebo
Eu bebo você.
Se sou o que cheiro
Eu cheiro você.
Se sou o que canto
Eu canto você.
Se sou o que como
Eu como você.
E quando eu me amo
Eu amo você.



Amor pra Vida Inteira

Ou me excita
Ou me espanta.
Ou me canta
Ou me explicita.

Ou me estica
Ou me mata.
Ou me acata
Ou me amassa.

Ou me caça
Ou me aquece...
Ou me atiça
Ou me esquece.

Ou me liga
Ou me rasga.
Ou me larga
Ou me engasga.

Ou me queira
Ou me fira.
Ou prefira
Amar para toda vida.

Sem Mães e sem Paz

Pense no quanto é ruim viver
Sem viver junto.
E não ter sequer com quem
Trocar um assunto.

Pense que a solidão
É minha e é sua.
E que é muito ruim
Andar só pela rua.

Pense que o mundo todo
Não existe mais.
E não somos mais mães
E não temos mais paz.

Pense, reflita, analise
Que a cada novo dia
Se cria uma nova crise.

Pense, entre eu e você não há saída.
Ou vivemos juntos a vida
Ou não vivemos a vida.

Distância

Eu não te quero mais, longe
Tu não me queres mais, hoje
E amanhã, quem sabe adiante
Estejamos, um do outro, ante

Eu não entendo a tua norma
Tu não pretendes da minha forma.
E infelizes somos menos
E separados ficamos pequenos.

Tu me irás,
Dizer que os erros são meus
E nós sem direção

Tu deverás,
Compreender que os erros são teus
E eu a contra mão.

A Velha Máquina

A velha máquina tem problemas
E já nem se quer conduz bem uma rima.
Ainda tenta lapidar o estratagema
Para lapidar rudimento uma obra prima.

Não tem a força que tivera outrora
E sente estagnado seu poder de cria.
E a cada novo dia e a cada nova hora
A velha e absoleta máquina desafia.

Às vezes ri, quando falha o sistema
Por não poder se diluir em prosa.
E arrisca de maneira indecorosa
Atingir a vigorosa força do poema.

Quando enfim recupera a memória
Já é tão tarde e chegou o cansaço.
Que a máquina refletia do andaço
Não sabe mais o fim nem o início da estória.

Grito de Alerta

Sou dessa corja de gente que está do lado dos fortes
Pra garantir boa morte e um lugar no cemitério.
Sou dessa gente mistério que sobrevive em viaduto
Que engole o sapo e o insulto e sabe ser réu primário
O sonho do bom salário sem precisar fazer furto.
Mulher à beira do parto, mais um de nós no berçário.

Cresce meu filho pra ver a miséria que rodeia
Não ponha vendas, mas leia, mas leia.
Mais leia, mais leia, mais leia.

Sou dessa gente jogada abandonada no escuro
Uma tacada no muro uma bola na caçapa.
Sou dessa vara de bestas, estetas do lixo urbano.
Uma cabana de pano, um avião derrotado.
Plano-piloto ultrajado de arquitetura complexa
Sou arco, sou alvo e flecha, sou divisor dividido.
Calçado apertado e calo e estrume do bandido sem cavalo.



Arquitetura dos Insanos

Calculou saltos e mediu os passos
Impôs a toda sua régia rédea.
Não percebeu a solidão, esta tragédia,
Tão amigável como o vil fracasso.
Ergueu castelos e areia em água
E optou por não viver a vida.
Teve a existência reduzida
E sem remorsos converteu-se em mágoa.
Erigiu seu templo com areia
E a arquitetura dos insanos.
Refez armado a base dos seus planos
Concretizando nova alvenaria.
Somou a sua megalomania
A idiota de ser sempre o dono.
E numa triste e trágica fobia
Não conseguia o mágico do sono.
Em sua realidade absoluta
Contava vil cada letra centavo
Assim nascia de maneira abrupta
A arapuca em que cairia escravo.
Teceu a teia costurou pedaços
Definitivo sem pensar em trégua.
Levantou muro destruiu compassos
Impôs sua conduta *fidumaégua*.

Que Saudade dos Grandes Amores

Que saudade dos grandes amores
Das secretas dores no coração
Das manhãs perfumadas, de flores.
Das mãos dos pintores e do violão.

Que saudade dos grandes amores
Se éramos os senhores da ilusão
De tantas tardes de gozo sem dores
Ainda que perdidos na imensidão.

Que saudade dos grandes amores
Dos compositores de uma canção
De nossos corpos em pleno descontrole
Suados num pouso sobre o colchão.

Curare

Os índios modernos
Todos de tanga azul
E amarelo e amarelão
Cólera, sezão, varíola.
Os índios modernos
Sabem fazer amor
Desajeitados, espezinhadados sob o cobertor.
Índias mal comidas
Lêndeadas, indo límpidas.
Em vez de estar de pé no convés
Porão todos no porão.
Modos de meninos
Curumins, do-in, pajés.
Os índios modernos
Todos na tenda azul
E amarela e aquarela do Brasil.
Os índios modernos
Tomam cervejas, não mais caldo de cana.
E ainda são políticos em tempo de eleição.

Tem Dias

Tem dias que você chega cansada, trancada.
E nada para mim.
E assim eu vou ficando
Quase morrendo, minguando.
Ardendo de tesão... sozinho
Tem dias que você chega seveciada
E cai na minha porta.
E entre a vida e a morte
Eu recolho seu corpo do frio.
Tem dias que você chega apta
E se adapta a mim como uma adepta
E assim me capta, vencendo-me.
Tem dias que você chega com um homem
E cheia de ira me bate a cara
É aí então que eu assumo a tara
Me bate, me bate, me bate, me ba... te amo.

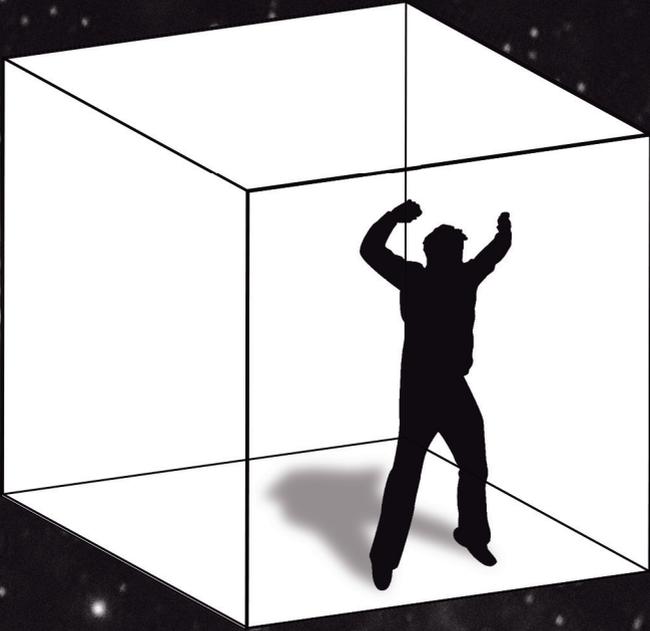
Bolero

Como queres que a cama ainda seja a mesma
Se eu te procuro do lado e nada encontro.
Nada contra a correnteza da mesa
E só encontro a solidão do sonho.

Como queres que o meu riso insista
Se a artista já desceu do palco.
Aí num salto te perdi de vista
Tenho hoje, tragédia como espetáculo.

Quando voltas, me escreve, me mostra.
Se retornares, que seja bem logo.
Pois, teu lago se foi e agora me afogo.
Neste largo que é a solidão quando aceita

Quando chegas, me envie notícias.
Eu preciso sabê-la urgente.
Pois, me encontro ferido por dentro.
Vulnerável sem tua presença.



Homem Infames

Nenhum lugar vazio
Aonde se possa ir.
Nenhuma ideia nova
Pra espalhar a todos.
Nenhuma mudança
Nos hábitos, ou nos modos.
Nenhuma dimensão
Onde se possa existir.
Não há saída nenhuma
Nem elo perdido, ou invento.
Pois o mais livre dos homens
Pode ser detido a qualquer momento.

Primitivos Habilis

Anotou seus feitos na parede pétrea
Em rabiscos rápidos, lápis azul, garatujas.
Desenhou som a firmeza de Orosco
Movimentos, hecatombes, lutas, fugas.

Emitiu seu tribal antes que a moda
Se perpetuasse em larga mídia.
Introduziu seu traço indelicado
Antepassado da broca de vídia.

Sem conhecimento, mas dono da técnica.
Foi matemático e fanático menestrel.
Pai do ideograma, enfático.
Homem primário e réu.

Rejuvenecendo

Ajo da maneira mais suspeita
Á espreita, na entoca, na escolha.
Fujo do lugar comum
Da frase feita e oportuna
Rasgo a palavra bolha
Com duros golpes de borduna.

Sugo os conhecimentos vários
Tão necessários a esta literatura sina.
Acho em antigos dicionários
Vocabulários que pretendo usar ainda.

Fecho dormindo o livro caixa
Onde eu encontro meu real repouso.
E como num gozo absolutamente fecundo
Busco uma forma diferente.
De ser completamente igual a todo mundo.

Inocência

Era uma vez um padre
E a madre Maria.
E quando caia à tarde
A sacristia ardia.
Era outra vez um frade
E a fraude da homilia
E toda a farsa acabava
Em pedofilia.
Era uma vez no tempo
De otários e cirandinha
De cair em conto do vigário
E crer em estórias da carochinha.

Apasionadamente Piegas

Indo Você!

Vai também o meu bem maior, o meu amor.

E algumas circunstâncias inesquecíveis.

Indo você!

Vai esta saudade que eu queria sentir pra sempre

Como se a saída, mesmo á minha frente.

Não fosse mais que a porta aberta pra prisão.

Indo você!

Já não me resta mais aquele raio de sol

Nenhuma fresta pra fazer a festa só

Nem arco-íris que eu possa pintar a mão.

Indo você!

A esperança será a única esperança

Sem riso fácil e largo e a dócil confiança

Longe onde eu sequer possa alcançar.

Vai em fim,

Um mundo inteiro que eu criei parta viver

Nossa aliança quebrará, será o fim.

Indo você.

Palavras Cruzadas

Abro a palavra cruzada e cismo:
Qual é mesmo o sinônimo de marasmo.
Busco uma outra pergunta e sem resposta
Descubro que perdi mais uma aposta
Mais restam-me alguns palpites.
Uma vez que já vi que meu limite
É o al picolé da figurinha, que dá pé.
Mostra o pé e completa a linha.
Mas quem sou, se sequer sou persistente.
Vou pensar e quem sabe de repente
Eu coloque uma letra ou um algarismo
E complete o significado de ostracismo.
Já esgotei o raciocínio, deu um branco.
Vou até lá e recolho uma saída
A ópera de Verdi é Aida?

Eu não sei mais, eu ficarei sabendo
Afinal só vou progredir tentando
Vou montar, desmontar, quebrar cabeça
E anotar logo antes que eu me esqueça
Que de tudo no mundo, eu tudo saque.
Quero ter uma cultura de almanaque
Que ninguém duvide sem suspeita
Eu serei o senhor das frases feitas
Destas tais que as pessoas só repetem
Sem pensar, sem tentar... salamaleques

Abro palavra cruzada com cinismo
E alego para todos, fixos pasmos.
O sinônimo de ostracismo é marasmo!
Me percebam esse ato de heroísmo
Falta pouco pra fechar mais um quadrado
Eu já estou intelectualizado
Acertei, decorei, fui aprovado
Fui além, muito além desta média tirei dez
E tudo o que eu não sabia, olhei lá atrás.

Eros



Marcílio Sam



Nota do Autor

Essa coleção de poemas denominados “Eros” tem a singela intenção de fazer com que o leitor transponha mundos e submundos, através da apreciação de versos criados sem intenção alguma. Na gestação de um poema, a mente do autor se altera entre o translúcido e o nefasto, criando-se uma fluidez amiúde de ideias e sentimentos. A poesia é uma celebração à vida em todas as suas dimensões. Conserta a alma, fazendo-a sentir e apreciar um misto de efemeridade e infinitude.

*“Grite poesias, que eu te amarei
até o fim da vida, grite poesias, que
o mundo tem a palavra que
você pode escrever, grite poesias.”*

(Chico Science)

Marcílio Sam



Dados Biográficos

Marcílio Sam nasceu no dia 16 de novembro. É formado em Pedagogia, atualmente, é aluno do curso de letras/Inglês UAB - UFC (Universidade Aberta do Brasil/Universidade Federal do Ceará) e, também, é professor de língua inglesa, desde 1997.



Dedicatória

Aos meus pais, Iolanda e Manoel.

A minha irmã Verônica e a todos que apreciam poesia.

A Jorge Amado, Stephen King e a todo o seu mundo literário.



Fobia

Sinto um medo tóxico medonho
Dos cárceres escuros.
Das amarras que prendem meus sonhos
Do circo armado de risos e riscos.
Do ato nupcial de noites infindas
Das festas juninas
Dos carnavais e suas mascaradas fantasias.

Sinto um medo sádico do cálice amargo
E brutal... a me entorpecer!
Do sorriso do palhaço com suas cores
E seus omissos dissabores.
Um medo pueril da fresta da porta, misteriosa...
Das ondas do rádio
Das marés altas do mar
Das pontes de madeira
Que tenho de atravessar.

Sinto medo por mim
Sinto medo de mim
Sinto medo sem mim.

Fim do Ato

Se o nosso amor se acabou
O que fazer com esse teatro
E esse despacho.

Teu nome e o meu
Na encruzilhada do pecado
“Diacho” e acho que vai chover
Sobre os nossos corações pulsantes
Tão marginais imaginários.

Somos um vinho barato nas mesas dos bares
Na zona do sorriso falso.
Eu acho
Que vai rolar o fim do ato
E eu te despacho é fim do caso.

Não dá mais pra gente rolar os dados
Fomos levados pela tempestade
Da separação.

Simetria

Entre luz e trevas
Tal qual mansa fera.
Meio querubim
Quase Mefistófeles.

Entre o toque e a repulsa
Sou caminho e sepultura.
Entre fome e tempestades
Tal qual frio e saciedade.

Entre o beijo e o desejo
Sou sozinho, sou metade.
Como servo e majestade
Tal qual Zeus e a liberdade.

Quase lírica essa vertigem
Entre o êxtase e o frenesi.
Sou urbano, sou vontade
Entre risos e rebuliço.

Tal qual corpo mortiço.
Entre luzes
Sob marquises
Há ideias sem matizes.

Entre o tombo e o naufrágio
Meio cais... meio caos...
Entre o vício e a cidade
Sou moinho sou saudade.

Noturno

Trago...
Risos e lapsos nas palmas das mãos.
Mitos e lendas, senhas e ritos,
No roncar do trovão.
Risos e laudos, perdidos e achados.
E o colapso da canção.

Trago...
O laço e o látex,
O passo pra armadilha,
Gotas de sangue
Colorindo o *underground*.
Fotos e flertes,
Tratados e fendas
E o colapso da paixão.

Trago...
Riscos e lapsos aos aplausos das mãos.

Excêntrico

Não tenho nada com isso
Hoje não quero sorriso
Amanhã não haverá paraíso
Não se importem comigo.

Não quero ser burguês
É difícil obedecer às leis.
Não me chame de poeta
Não dê uma de atleta.

Procure em si mesmo
Um espinho na canela.
Hoje não quero São João
Não me chame de maluco

Talvez eu seja a solução.
Não me interessa a faculdade
Pra ser doutor de verdade
Carrego no pleito um emblema
Avesso a esse sistema.

Não me venha perguntar
Como escreve poesia
Talvez eu me inspire
Nessa pobre burguesia.
Não tenho nada com isso
Hoje não quero sorriso.



Crime

Não reclamo do vinho que me embriagou.
Você adulterou a criança
Que havia em nós.
Forjamos um álibi,
Não saciou a dor.
O vento do norte soprou
E aquela fonte cuja água matava a nossa sede
Secou.
Colibri cativo foi beijar
Outra flor.
Senão morreria de fome.
De amor.
Perdemos o senso e o sonho
Caiu nos braços do tempo
Se estilhaçou.

Hóspede

No meu mundo você é o oásis
No submundo da miragem
Minha miragem.
Na minha solidão você é fugaz
Abismos e tais.
No meu sorriso você jazz
Flui leve
Satisfaz.

Psicotrópico

Desse mundo louco fujo
Pro meu pálido refúgio.
Pode ser o canteiro
Ou o meu sombrio espelho
Que escondem os meus mórbidos segredos.
Antes as ideias narcóticas
As memórias se dispersam
Sou um pobre prisioneiro
A um passo do colapso
A um passo da sangria
Desse doce amor que invade o meu ser.
Estou muito além do eclipse
Que oculta a minha face
Quero correr pro abrigo que me protege
Das nações divididas por paredões
De ouro, suor e lágrimas.
Meu corpo minha mente
Estão sepultados num lugar paralelo
Entre o bem e o mal.

Dois

A gente esquece de tudo
E de todos.
Procura o silêncio
Quando surge a vontade
De fazer amor.

A gente se ama detrás do circo
Até no hospício
Num total despudor.
A gente foge pro mato
A pé, de carro,
Até de metrô
Só pra fazer amor.

A gente se rege,
Se enche de confete
De vinho e chiclete
Pra sentir o sabor.
A gente se ama no banheiro
Na escola
Na escada
Até no elevador.

A gente inventa um pecado
Quebra o tratado
Reza até um rosário
Nos perdoa,
Senhor!

Nós

Somos assim: moços. Pouco loucos.
Doidos por nós.
Maus. Caos. Nada ortodoxos.
Astros sem rastros.
Os donos da novela.
Queremos muito mais.
Amar no mangue ou no cais.
Somos assim: quase normais.
Gostosos demais!
Astrais. Amantes. Amigos.
Argênteos.
Proscritos. Safados.
Essa é a lei,
Somos planetários.
Refratários.
Não queremos nem saber.
Viver é preciso.



Unidade

Somos almas gêmeas
Nascida da mesma placenta
Sob a lei da gravidade.
Moramos na mesma rua
Não temos nome.
Só fome e falta de ar.
Viemos ao mundo sem encomenda
Com febre, asma e eczema.
O cansaço nos consome
E nos tira do ar.
Somos alma sem palmas
Sem letra e música:
Fonema da fome,
Alvos da bomba que explode
E nos manda pro ar.

Náufrago

Sem sinal verde, sem varal, sem rede
Sem verde quintal, sem grafite, sem jornal.
Sem o sol amarelo, sem tapera nem novela
Sem história, sem glória
E a trilha sonora?
Sem o gosto do gozo, nem o tosco reboco
Sem o teor do esboço somente o cio no rosto
Sem saco, sem sapato, sem maré nem barco
Sem remo, naufragado.
Sem o trago do cigarro
Nem o sabor do orgasmo
Sem o passo, atropelado.
Sem eira nem beira,
Asfixiado.

Fartura

Estou farto...

De promessas, de telenovelas, de falsos profetas.

Da burocracia institucional e educacional,

Da letargia policial.

Do presidente em rede nacional

Do lirismo papal

Do caráter experimental

Do padrão débil mental.

Estou farto...

De dizer alô sem resposta

Meus dedos, encaixados de bater à porta.

Jogaram veneno na minha horta

Estou atolado nessa bosta

Nessa bossa velha e senil.

Estou farto...

Do seu predatismo

Do seu sardônico sorriso

Do seu aperto de mão

Da sua prosopopeia.

Estou farto...

De tanto ultraje

De tanta quimera.

Impulso

Pensamentos giram em torno
De mentiras e meias
Verdades alheias
Que atormentam todos os poros
Por todos os lados,
Apertando os laços,
Corriqueiros colapsos!
Sentimentos e semáforos,
Ares, atmosfera marítima.
O impulso do pulso
Índices e prólogos.
Em cada história,
Em cada aposta,
Cara,
Efêmera,
Fútil,
Fóssil.

A Mosca

Uma fêmea.
Efêmera.
Entrou em cena,
Pousou nas linhas
Do meu esquema
Na gestação
Do meu poema.
Desfilou entre sílabas
E fonemas
E se foi...



Pileque

Somos os velhos camaradas que o tempo lapidou
Estamos juntos nessa estrada
Sem hora marcada seguindo o mesmo cursor
Somos aqueles que a noite não saciou
Fazemos parte dessa farra
Protagonistas da mesma farsa
Meio demônio meio balada
Somos o abrigo, o guru, o santo provocador
Somos o cristal, o ritual
Impossível definir
Nosso encanto entre os dentes
Nosso olhar de serpente
Quando quer serpentear.
Á mercê da solidão há uma força que nos move
Há uma guerra que nos faz
Caminharmos lado a lado para qualquer direção
A procura de um espaço pra fazer a construção
A procura de um refúgio, um cantil.
E uma paixão.



Eros

Tenho medo dos teus olhos
Se te olho bem de perto
Eles me intimidam...
Os tons castanhos!
Teus olhos sempre um encanto
Olhar blasé de teor insano
Eles me açoitam...
Esses tons estranhos!
Teus olhos de bombom de mel
Tom maior
Neles sinto muito
Sinto tudo
Vejo castelos
Castigos
Castas
Castidade
Nessa castanha cor.

Colisão

Estou a perigo.
E se você colidir comigo
Apago todos os riscos corridos
Se você colidir comigo.
E daí o perigo será nós
Noite adentro
Mundo afora,
A sós.

Fluxo

Procura-se...
Ébrios da noite pra um açoite,
Distorção momentânea
Do ato que inerva a mente
E os fazem esquecer
O método e o antídoto.
Prostitutas S/A
Nuas de pudor
Para recompor o coito
O cio da carne,
A ânsia do gozo.
Cash.
Civilitares armados,
Carrascos ou não
Nos punhos ordens atadas
Contra os agentes da subversão.
Religiosos beatos,
A profetizarem o eclipse do apocalipse.
Que elipse!

Cacos

Nesse amor roleta russa
Não há simetria nem risos
Há riscos
Pactos promíscuos
Há sonhos ruídos
Há silencio cortante
Dentro dos corações esvoaçantes
Assombrados
Assintomáticos
Assimétricos.

Nesse amor pagão e caro
Não há tempero sagrado
Há cacos
Desejos vilipendiados
Há um mero contrato
No silêncio gritante
Dentro dos corações pusilânimes
Moldados e estilados pelo ódio
Que a bordo se tornou rei.

Cômodo

Naquela sala, cadeira velhas
Tapete já surrado.
Discos de Adriana, livros de Amado.
Amados Deuses.
Naquela sala espera-se alguém
É constante o vai e vem
De ébrias ideias
De sombrios desejos.
Naquela sala quadros mal pintados
Olhares de soslaio
Olhares ensaiados
Olhares compassados.
Naquela sala
Dorme-se um sono
Em mil sonhos
Arde a ressaca.



Arado

Na cozinha Maria fazia um quê gostoso
Com sabor de Chico e Veloso
E punha a mão na massa
E cantarolava
E rimas de Jobim entoava.
No preparo do baião de dois
Luis Gonzaga, feijão e arroz.
Nem se lamentava
Na luta com a empada
Que preparava
Pro seu velho camarada,
Enquanto isso no mar
Dorival em sua jangada
Cantava a sua Marina,
Amante e amada.

Dois Segundos

Você...
Minha cara metade
Assim meio selvagem
É um crime perfeito
Mais eu gosto de ser
Sua arma de alto calibre
Nós dois falsas moedas
Nos cofres da vida.

Você... minha brutal ansiedade
Um tanto medonha
Outro covarde.
Mas eu gosto de ser
Sua dose letal, sem veneno
Suas notas vermelhas
Seu inferno astral.

Assim somos a medida exata
Vivendo por um triz.
Assim estamos nós: no apogeu da loucura
A simetria cem graus
No apaga e rasura
Na trilhas sonoras
Nas milhas sem trilhas
De qualquer lugar.

Acervo

De ti fica a lembrança
A tua manha de manhã
O sabor do teu beijo
Que ainda brinda
Mas depois finda.
Fica a fartura do teu corpo
Que ainda, ainda!
Fica o silêncio
E o meu coração palhaço
Chora!
Lembrando do teu abraço
Que foi embora!
E assim fico sem você,
Ausente!

Comum Refrão

Tantos povos aflitos
No mundo.
Tantos corpos feridos.
Submundo.

Tantas crianças perdidas
No labirinto do tempo.
Tantos passos perdidos
Nesse chão.

Tantas almas cativas
Na solidão.
Habitantes
Hemisfério marginal.

Cavaleiro tropical
Cavalgando nas areias.
Do deserto,
Ego existencial.

Onde estão os nossos sonhos
We only see a cor da noite.
We only feel o tom da morte
Que desce tal qual um vendaval.

Coração Vermelho

Meu amor
De corpo inteiro
Na cama, no chuveiro:
Que cenário pitoresco!
Me divirto.

Me compromete
Me delicio
Viro pelo avesso
Esse meu coração vermelho

Meu amor, nudez total:
Transparência natural
Que encanta
Balança
Assanha
Esse meu coração criança.
Meu amor de olhar profano
Insinua coisas
Aflige
Abrija
Esse meu coração cigano.



Janela

Toda noite a vejo.
Tão singela.
No alto do edifício.
Às vezes há luz.
Outras vezes neva.
Sob a noite percebo
Que alguém passa por ela.
Indo. Ouvindo. Nem sempre sorrindo.
Veneziana.
Persiana.
De concreto. Tão abstrata.
Sempre ela.
Sempre tão bela.

Trottoir

Cercada de solidão, caminha.
Às vezes sozinha.
Sem fada madrinha.
No coração da noite
A borralheira vira princesa
Nas suas andanças e tramas.
Sente a lâmina que afia a carne.
A carnificina.
A chacina.
Dona da esquina, tenta ser grã-fina,
Porcelana.
Ovacionada na cama
Forte por fora
Por dentro chora
A tal heroína.

Ah!

AH!
Há sempre mistérios
Nos hemisférios
Do teu olhar.

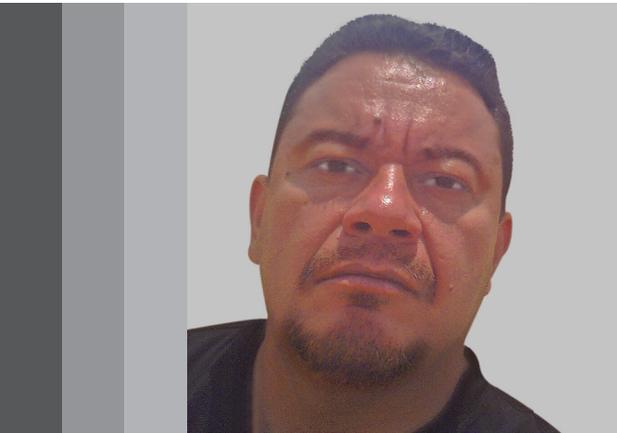
AH!
Há sempre versos
Rimados, abertos
No teu sussurrar.

AH!
Há sempre desertos
Caminhos incertos
Quero te encontrar.

Poesia Abstrata

Nas entrelinhas,
A essência do teu prazer.
Na leveza do toque,
A tua práxis,
O extrato do teu ser.

Axioma



Gildo Gomes



Nota do Autor

Gostaria de convidar o leitor a fazer uma viagem insólita conosco. Para tanto, basta folhear esta obra - mas não vou fazê-lo.

Não vou porque esta obra, da primeira a última página, por si só, já é explicitamente um convite.

Isto porque, através da força de seus versos, o leitor poderá, além de rir da morte, ainda indignar-se, ou tomar conhecimentos dos graves problemas sociais que afligem nossa sociedade, ou até mesmo, como se estivesse em uma máquina do tempo, poderá ir aquém ou além do momento presente.

É uma pena, realmente, que esta obra tenha levado tanto tempo para sair da gaveta. Entretanto, o que importa agora é que sua concepção é real.

Isto graças ao amigo Gonzaga Barbosa, batalhador incansável, que teve a audácia de plantar a semente desta obra em nossos corações, novamente.

Sendo assim, sinto-me orgulhoso de fazer parte dessa empreitada e, ao mesmo tempo, honrado por representar nossa terra.

Boa viagem, então, caro leitor.

Gildo Gomes



Dados Biográficos

Gildo Gomes de Araújo nasceu em Pentecoste, estado do Ceará, no dia 05 de julho de 1972. É filho do funcionário público Antonio Enéas de Araújo e da doméstica Lení Gomes de Araújo.

Cursou o ensino fundamental na escola Etelvina Gomes Bezerra; tendo o ensino médio sido concluído no Colégio Padre Antonio Moreira Filho, onde atualmente funciona o CVT.

Desde tenra idade, descobriu-se artista, criando composições que, até hoje, são conhecidas apenas pelos amigos mais íntimos. Entretanto, como o espaço para a cultura no interior do estado é praticamente nulo, seja pela falta de políticas públicas para a cultura, ou mesmo por incompetência daqueles que se dizem responsáveis pela pasta, a maioria de sua obra encontra-se ainda engavetada.

Seus versos só chegaram ao conhecimento do público graças ao amigo José Pereira que, quando presidente do SINDSEP, fundou o “Jornal dos Servidores” (informativo), cujo espaço era provido de uma coluna literária. Outra participação sua foi no prêmio Ideal Clube de Literatura, onde apresentou os poemas: Soneto à Morte, O Meu Amante e Axioma.

Atualmente, é Agente de Segurança Pública (PMCe); e serve em São Gonçalo do Amarante.



Dedicatória

À minha mãe, Lení Gomes.
& meus filhos, Raissa e Íuri.



Agradecimentos

Aos professores Cleiton Brilhante, Jorge Alberto e Welldenir (Pentecoste), bem como aos professores Danilo Cunha, Manuel Filho e Marcos Antonio (São Luiz do Curu).

In memoriam

Carlos Drummond de Andrade, o maior de todos nós.



A Mão

A mão
Que escreve esse poema é hipócrita.
Ela aponta os defeitos dos demais,
Embora os seus sejam irremediáveis.

A mão
Que escreve esse poema é teimosa.
Ela quer tomar todos os trajetos,
Mas apenas um deles lhe é permitido.

A mão
Que escreve esse poema é assassina.
Ela dispara contra os seus semelhantes,
Embora também possa vir a ser atingida.

A mão
Que escreve esse poema é transitória.
Ela, como tudo em sua volta, um dia sucumbirá,
Mas aonde quer que vá continuará atormentadora.

Tempestade

Ó solidão minha.
Ó solidão nossa.
Ó milhões que padecem de fome
Perante tanta tecnologia e dinheiro!

Ó solidão minha.
Ó solidão nossa.
Ó milhões que sucumbem
À míngua nos hospitais e presídios!

Ó solidão minha.
Ó solidão nossa.
Ó milhões perdidos na rua
Da amargura carentes de cultura e carinho!

Ó solidão minha.
Ó solidão nossa.
Ó milhões engabelados impiedosamente
Por falsos profetas e ideais sanguinários!

Ó solidão minha.
Ó solidão nossa.
Os déspotas assistem, com indiferença,
O caos concebido de seus atos frios e calculistas!

Se uma tempestade
De amor caísse para aliviar-nos!
Mas como, se os corações, há tempos,
Passaram a considerar tal sentimento retrógrado?

O Meu Amante

O meu amante é louco.

Ele me usa

E abusa todo dia como se fosse a primeira vez.

E sua loucura é tanta e me faz tanto bem

Que por meio de seus sussurros,

De suas mordidas,

De seus urros e

De suas chupadas,

Marcas me são deixadas pelo corpo ao amanhecer.

O meu amor é louco.

Ele me abusa

E usa o dia todo como se fosse a última vez.

E sua lucidez é tanta e tanto bem me faz

Que acabo me tornando refém de suas palmadas

De seus beliscões,

De suas lambidas e

De seus palavrões,

Cujas marcas me serão renovadas noutro infundável anoitecer.

Soneto à Morte

Que a morte venha...
Venha afastando esse cálice.
Não como desejo,
Mas conforme sua onipresente vontade.

Que a morte venha...
Venha com os braços abertos para os meus.
Surja em qualquer lugar
Vestida do mais puro linho branco são para mim.

Que a morte venha...
Venha cantando sua canção de ninar
Como de costume; seja pela manhã, à tarde ou à noite.

Que a morte venha...
Venha beijando minha boca placidamente,
Porque não me importa quando, ou onde iremos nos encontrar.

A Revelia

Há
Tantos comentários.
De joelhos,
Sobre essa menina linda.

Cada
Homem dispara, à sua
Maneira, mas concordantes,
Contra seu corpo violão.

Dizem
Que ela, à noite,
Pertence
A quem chegar primeiro.

Há
Tantos comentários,
De mãos postas,
Sobre essa linda menina.

Cada
Mulher dispara,
De forma acintosa,
Contra suas vestes e trejeitos.

Falam
Que ela, de dia,
Pertence
A quem primeiro chegar.

Só que
Algo me intriga bastante: dentre
Os que esfacelam seu nome, nenhum
Mostrou-se digno de atirar a primeira pedra.

Diana

Lá no alto silenciosa,
Preciosa,
Atenciosa,
Misteriosa,
Religiosa,
Deliciosa,
Maliciosa,
Está ela;
Sentada num trono de nuvens e estrelas,
Toda ninfeta,
Amante de todos os homens e de mim.

Lá no alto majestosa,
Palpitosa,
Formosa,
Preguiçosa,
Carinhosa,
Gostosa,
Duvidosa,
Está ela;
Vestida de prata e cheia de sonhos,
Toda senhora,
Cantando pra Via Láctea e pra mim.

Lá no alto fascinante,
Falante,
Exorbitante,
Estonteante,
Desafiante,
Hilariante,
Radiante,
Está ela;
Vigiando cada um de seus filhos,
Toda mulher,
Rainha das trevas e de mim.

Conselho

Amigo,
Por favor, mate-se
Não deixe que ninguém o faça.

Lembre-se de que
Já não há razão para que esse
Momento singular seja procrastinado.

Amigo,
Por favor, mate-se
Não adie mais a viagem para a liberdade.

Nunca esqueça que,
Com um simples gesto, sua dolorosa
Existência sucumbirá para todo o sempre.

Amigo,
Por favor, mate-se
Não deixe que ninguém o faça.

Agora ou nunca!



Miséria

Eu

Vejo miséria na condição subumana dos mendigos,
Na soberba do rico esbanjador,
Na falta de cultura do povo,
Na ignorância do analfabeto político,
Na politicagem dos gabinetes incólumes,
Na cara de pau dos falsos profetas,
Na falta de ética nas instituições públicas,
Nos urubus que sobrevoam o Planalto Central,
Na falta de gentileza no cotidiano e
No pífio salário mínimo.

Eu

Vejo miséria em mim mesmo, porque descobri que,
Sozinho, jamais poderei mudar a triste realidade que nos aflige.

Da Cabeça aos Pés

A lua ia alta
E a cada estocada
A carne
Penetrava na carne,
Jorrando o rubro
Líquido da gruta sequiosa escancarada.

E
O ruído do vento frio,
Juntamente com o marulho
Das ondas nas pedras,
Se misturava
Aos gemidos agudos sem procedentes.

O
Suor descia
Da cabeça aos pés
E o cansaço,
Indisfarçável,
Já tomava conta dos corpos
Abraçados rolando na areia úmida.

E
Quando o sol
Deu o primeiro bocejo
E se espreguiçou,
Jazia Lampião, Maria
Bonita e seu bando rodeado
Por muito mais de mil fardados agonizando.

A Montanha

Além
Daquela montanha,
Onde a lua dança lascivamente
Sobre as ondas do mar,
Chovem pétalas de esperança durante a primavera.

Além
Daquela montanha,
Onde o amor é cultivado
E dividido entre os habitantes,
Chovem pétalas de esperança durante o verão.

Além
Daquela montanha,
Onde a vida não tem preço
E a liberdade é algo sagrado,
Chovem pétalas de esperança durante o outono.

Além
Daquela montanha,
Onde guerras e pestes são palavras
Suprimidas do dicionário há séculos,
Chovem pétalas de esperança durante o inverno.

A Bomba

Não, a bomba não é só um estampido
Distante que deixa à mostra medo e dor,
Sangue e areia,
Suor e lágrimas,
Fumaça e cinza,
Visceras e ódio,
Íons e mídia pelos ares.

Ela é, sim, muito...
Muito mais do que isso.
E não é preciso ser um gênio para saber
Que, antes mesmo de sua concepção, seu nome
É sinônimo daquilo que mais teremos na vida: a morte.

Não, a bomba não é só uma ideia indesejável
Que traz na própria testa a marca da tolice ao extremo,
Do autoritarismo cego e mudo,
Do progresso a qualquer custo,
Do desperdício de inteligência,
Do dinheiro dilacerado,
Da garantia do temor em cadeia,
Do respeito á força bruta e
Da proliferação do caos vigente

Ela é, sim, muito...
Muito mais do que isso.
A despeito de suas atrocidades, sua produção
em série continua.

Não sei se seria uma boa ideia, mas se colocássemos
suas imagens
Expostas em outdoors pelos quatro cantos do mundo,
quem sabe
Perceberíamos o quão, realmente, nossa estupidez tem
nos prejudicado.



Diabinho

Eu sou o diabinho verde
Lá de Pentecoste,
Que toda manhã,
Faça chuva ou faça sol,
Vem puxar o dedão do teu pé.

Eu sou o diabinho amarelo
Lá de Campo Sales,
Que toda noite,
Faça sol ou faça chuva,
Vem mordiscar a ponta da tua orelha.

Eu sou o diabinho azul
Lá de Orós,
Que toda manhã,
Faça chuva ou faça sol,
Vem violar o lençol do teu corpo nu.

Eu sou o diabinho branco
Lá de Jaguaribe,
Que toda noite,
Faça sol ou faça chuva,
Vem sugar o néctar da tua flor do prazer.

Tornando-te, irremediavelmente, minha.

Incompleto

O que busco nasceu
De uma vontade louca...
Não! Minto!
Mais do que louca
De encontrar alguém que me complete.

E é dentro
Dessa expectativa que,
A cada dia que vem e vai,
Vago cidade a fora infringindo leis,
Rasgando títulos,
Delatando revoluções,
Amaldiçoando os deuses,
Pisando calos,
Desobedecendo padrões,
Dividindo opiniões,
Derrubando muros
E tudo e a todos que cruzarem meu caminho!

Isso porque sei...
Só eu sei que,
Caso essa vontade louca...
Não! Minto!
Mais do que louca
De encontrar alguém que me complete
Não passar; talvez seja meu fim, impreterivelmente!

Pobre Deus

Pobre Deus
Está tão triste.
Seu olhar azul passeia perplexo sobre
A terra em desatino que tanto lhe aprazia,
Estará arrependido o decano rei dos reis?

Pobre Deus
Está tão trêmulo.
Suas mãos negras já não conseguem
Segurar suas vis criaturas que não se lembram
Do que fizera, fez, ou pode fazer, se quiser.
Terão os filhos esquecidos o pai celestial?

Pobre Deus
Está tão soluçante.
Seu rosto amarelo exala gotículas
De sangue que escorre pela sua longa barba
Grisalha. E por encontrar-se eternamente
Ausente, não há quem possa consolá-lo.
Como será o fim de quem não tem começo?

Pobre Deus
Está tão decadente.
Eis um trono vacante, dentre em breve.
Quem me sucederá? Talvez ele
Já se tenha perguntado. Gostaria muito
De ajudá-lo, mas não posso. Primeiro, porque
Não tenho a menor aptidão para assumir tal cargo.
Em segundo lugar, porque não gostaria de ser esquecido.

Sob o Signo do Luar

A mão
Desliza pelas coxas
E a alavanca da caixa de marchas.

O
Beijo semaforico,
Na boca da dama de vermelho,
Levanta o ponteiro do velocímetro.

A bebida
Negra/branca dialoga,
Impudica, por nós dois.

O caos prolifera-se lá fora,
Enquanto, à revelia, na cama
Móvel, rumamos para o paraíso.

Meu Deus! Esses buracos!Essas
Curvas sinuosas! Vou acabar perdendo
A direção e a cabeça, indubitavelmente.

Boca

Boca...
Lambe-me.
Encharca-me às partes
Baixas com tua língua de mel.

Boca...
Morde-me.
Marca-me dos pés
À cabeça feito gado teu.

Boca...
Beija-me.
Envenena-me a alma
Como o teu gosto de fel.

Boca...
Cospe-me.
Deixa-te para sempre ser
Errante pelos ínvios caminho meu.

Os Idiotas

Sou poeta
Graças aos idiotas do mundo inteiro.
Isso mesmo,
Graças aos idiotas do mundo inteiro.

Já pensou se os políticos
Roubassem o povo
E não terminasse tudo em pizza?
E se os generais
Inventassem suas guerras
Estúpidas e não escapassem ilesos?
E se os líderes religiosos
Pregassem a vida pós-morte
E não fossem tão apegados a esta?

Em quem fatos, então,
Um pobre poeta como eu, limitado
Física-intelectualmente iria inspirar-se?
Sou, portanto, eternamente
Grato aos idiotas do mundo inteiro
Do contrário, não passaria de um ingrato.

Um detalhe, porém,
Tem me feito perder o sono
Ultimamente: de tão dependente,
Acho que estou me tornando um de vocês.

Preciso

Preciso...

Eu sei que preciso.

Preciso amanhecer ao seu lado:

Recuperar, por cima de pau e pedra,

O tempo que desperdiçamos ontem.

Preciso...

Eu sei que preciso.

Preciso entardecer ao seu lado:

Memorizar a cara do sol cheio de

Inveja de nossos beijos e abraços hoje.

Preciso...

Eu sei que preciso.

Preciso anoitecer ao seu lado:

Esquentar nosso ninho de amor

E sexo como se não existisse o amanhã.

Doces Bárbaros

Meu filho, por favor,
Tome cuidado com os comunistas.

Eles são capazes de tudo, quando almejam o poder.
Lembre-se de que punem quem discorda de seus
Ideais com o fuzilamento no paredão. Além do mais,
Alimentam-se de recém-nascidos e tiram gosto com ancião.

Meu filho, por favor,
Tome cuidado com os comunistas.

Eles são gente de má índole, afinal, são ateus.
Lembre-se de que enquanto tremular uma bandeira
Vermelha detalhada com uma estrela, uma foice e um
Martelo amarelo, é porque a intolerância mora ao lado.

Meu filho, por favor,
Tome cuidado com os comunistas.

Eles são deveras frios e calculistas, faça chuva ou sol.
Lembre-se de que o partidão administra tudo, até a vida
Dos plebeus. Quanto ao líder, além de não existir eleição
Direta; permanece no poder até sua morte, agrade ou não.

Meu filho, por favor,
Tome cuidado com os comunistas.

Mas pelo amor de Deus, de joelhos imploro,
Redobre a atenção quando se deparar com os capitalistas,
Porque estejam eles rezando ardentemente, ou em estado
De coma, estarão sempre aptos a cometerem atos mais bárbaros.

Adoração

Adoro
Beijar-te na boca,
Friccionar a língua
Pra frente e pra trás
Sugerindo uma entrega
Brusca aos nossos desejos.

Adoro
Mordiscar-te os lábios,
Descer pelo queixo
Até a curva do pescoço,
Onde volta e meia
Vou as proximidades da nuca.

Adoro
Roçar-te o nariz,
Inspirar cada milímetro
Da tua face,
De tuas orelhas
E do contorno de teus ombros.

Adoro
Desabotoar-te os botões
Da roupa, descer pelos volumes
De teus seios rumo ao umbigo,
Onde com as mãos e dentes
Sôfregos dispo-te completamente.

Adoro
Sentir-te estremecer
De gozo em minha boca
Úmida, ou no meu falo latejante,
Proferindo palavras desconexas
Que só eu, juro, consigo entender.



Axioma

Nasci e me criei em Pentecoste, cidadezinha situada
Às margens do Rio Curu, que apesar de seus cento e poucos
Anos de emancipação política, o povo ainda sobrevive como
Seus ascendentes, cuja condição de existência era
assaz negativa.

Situação essa que se perpetua devido ao mandatário, zero
À esquerda, pertencer ao subconjunto de seus antecessores
Que só dominavam duas das quatro operações de conta:
A subtração em plena luz do dia e a divisão na calada da noite.

Mas nada disso seria possível se a primeira dama,
Hipotenusa, mulher de temperamento ímpar, não conseguisse
Amordaçar e vendar, com o toma lá da cá dos números
Complexos, a Câmara de Vereadores e o Ministério Público.

O que não fará diferença alguma no próximo pleito eleitoral,
Porque como a memória do povo é um conjunto vazio, zero
À esquerda renovará seus conchavos com o cateto oposto e o
Cateto adjacente; perpetuando-se, assim, por mais quatro anos
no poder.

Donas da Noite

Eu sou a puta...
Sou quem refrigero
A alma dos que ardem de desejo.

Eu sou a puta...
Não nego meu ofício, porque além de
Amá-lo, creio na dignidade do trabalho.

Sei que mulheres, de classes diversas,
Não se cansam de me apedrejar. Em vão,
Pois na calada da noite sou eu quem recebo
Elogios e presentes jamais direcionados a elas.

Eu sou a puta...
Sou o cão guia daqueles que,
A qualquer preço, anseiam o paraíso.

Eu sou a puta...
Sirvo a gregos e troianos: em nosso
Meio não há espaço para preconceituosos.

Sei que homens, por motivos
Diversos, demorarão a procurar meus
Inconfundíveis serviços; mas não me importo,
Cedo ou tarde, todos deitar-se-ão em minha cama.

Monte Castelo

Um dia, alguns garotos vestidos
De soldados foram mandados para um lugar
Distante onde, em nome da paz, lutaram
Em uma guerra que não tinha nada a ver com eles.

Chegando lá, embora belicosamente
Inferiorizados, deram tudo de si e mais
Um pouco; porém, como não poderia ser diferente,
A maioria deles sucumbiu junto com seus sonhos juvenis.

Outro dia, alguns velhos vestidos
De generais resolveram deixar de brincar de guerra, indo,
Então, cada um enclausurar-se na quentura de sua cama fétida.

Chegando aqui, os sobreviventes foram homenageados;
Porém, os mais beneficiados foram os que nem lá pisaram, pois
Além de nunca terem se arriscado, ainda foram chamados
de heróis.

Abismo

Porque me torturas, coração?
(Tanto bem que eu te quero).
Não vês que eu sou teu e, se quiseres,
Podes fazer o que bem entenderes comigo?

Por que me abandonas aqui
À beira deste abismo incomensurável?
Se soubesses o quanto me dói
Tua ausência, certamente, não me deixarias.

Por que me torturas, coração?
(Tanto bem que eu te quero).
Por que sempre vais para longe de mim?

Por que nunca ficas ao meu lado? Já me
Consumes tanta dor: sugiro, então, meu amor, que me
Precipites de vez, ou venhas para sempre ficar comigo.

Meu Poema

Meu poema não quer ser antigo,
Não quer ser moderno,
Nem quer ser intelectual;
Meu poema não quer ser direto,
Não quer ser indireto,
Nem quer ser pessoal;
Meu poema não quer ser positivo,
Não quer ser negativo,
Nem quer ser radical;
Meu poema não quer ser externo,
Não quer ser interno,
Nem quer ser metal;

Meu poema não quer ser hipócrita,
Não quer ser autêntico,
Nem quer ser universal;
Meu poema não quer ser pergunta,
Não quer ser resposta,
Nem quer ser total;
Meu poema não quer ser oculto,
Não quer ser explícito,
Nem quer ser letal,
Meu poema não quer ser comido,
Não quer ser bebido,
Nem quer ser medieval.

Meu poema não quer ser efêmero,
Não quer ser perpétuo,
Nem quer ser profissional;
Meu poema não quer ser divino,
Nem quer ser satânico,
Nem quer ser local;
Meu poema não quer ser fascista,
Não quer ser comunista,
Nem quer ser fundamental;
Meu poema não quer ser incluído,
Não quer ser excluído,
Nem quer ser funcional;

Meu poema não quer ser pró,
Não quer ser contra,
Nem quer ser real;
Meu poema não quer ser certo,
Não quer ser errado,
Nem quer ser racional;
Meu poema não quer ser branco,
Não quer ser preto,
Nem quer ser virtual;
Meu poema não quer ser opulento,
Não quer ser paupérrimo,
Nem quer ser opcional;

Meu poema não quer ser burguês,
Não quer ser proletário,
Nem quer ser regional;
Meu poema não quer ser brega,
Não quer ser chique,
Nem quer ser sexual;
Meu poema não quer ser absolvido,
Não quer ser condenado,
Nem quer ser patriarcal;
Meu poema não quer ser o primeiro,
Não quer ser o último,
Nem quer ser marginal...

Meu poema só quer ser poema
Nada mais, nada mais.

Intacto

Nada mudou.
Cada coisa encontra-se em seu lugar:
As flores
Do jardim da nossa casa;
Os discos
Da Legião Urbana;
O quadro
Da Sharon Stone;
O sol teimosamente
Rompendo a manhã;
O cruel regime
Na ilha de Fidel Castro;
As infindáveis negociações
De paz no Oriente Médio;
A safadeza generalizada
Dos políticos do planalto central...

Nada mudou.
Está tudo em seu lugar. Intacto.
Completo. Inteiro, terrivelmente, inteiro.
Exceto meu coração, com a tua inesperada partida.

Meus Amigos

Venham meus amigos!
Vamos cantar, vamos dançar!
Vamos comemorar
As ultimas horas do século XX.

Século este inigualável:
Aperfeiçoamos carros,
navios, aviões e armas.
Inventamos o jazz,
O cinema o computador.
Abraçamos a causa feminista,
Comunista e Nazista;
Bem como erguemos
E derrubamos ditadores.

Por isso conclama.
Venham meus amigos!
Vamos cantar, vamos dançar.

Não esqueçamos, porem,
Que assim como os ideais
E os valores do século XIX
Foram ofuscados por nós
À época a nova geração,
Irremediavelmente, iremos
Passar pelo mesmo processo.
Mas, por favor, não deixemos
Que esses pequenos detalhes
Nos abatam, são ossos do ofício.
Não sei quanto a vocês,
Mas para mim é uma honra
Ter nascido no século do século.

Venham meus amigos!
Vamos cantar vamos dançar...
(Antes que nos arrependamos).

Ao Mestre, com Carinho

Quando
Estou no começo de uma poesia,
Cada ideia
Que surge é arrancada
A ferro e fogo
De minhas entranhas
Para Drummond, talvez, fosse distração.

Quando
Estou no meio de uma poesia,
Cada correção
Que é feita
Me transforma
Num poço de agonia
Para Drummond, talvez, fosse prazeroso.

Quando
Estou no final de uma poesia,
Cada vez
Que a releio
Não me vem no peito
Senão uma sensação de alívio
Para Drummond, talvez, fosse saudade.

Eternidades

O primeiro beijo do dia;
O vai e vem do sol;
O perfume francês;
As crianças correndo pela casa;
A voz de Frank Sinatra;
O café da manhã à beira-mar;
Os bichos de estimação;
A Ferrari vermelha;
O nascimento do primogênito;
A sensualidade de Sharon Stone;
O aniversário dos parentes e amigos;
O cooper na praia pela manhã, ou à tarde;
O reencontro com os amigos, aos sábados;
O diálogo, por telefone, com a amante;
A música de Astor Piazzolla;
A torcida na sala, ou no bar pela seleção;
Os diamantes;
O buquê de flores;
A caixa de chocolates;
O livro de Pablo Neruda;
As noites de núpcias;
O natal iluminado de Manhattan;
O reveillon em Copacabana;
As bodas de ouro, prata e bronze;
A beleza de Marlon Brandon;
Os anos na universidade;
O carnaval de Salvador;
A sessão das dez;

O passeio por Paris;
A elegância de lady Diana;
O primeiro emprego;
Beber, fumar e dançar;
O vem e vai da lua;
O derradeiro beijo da noite...



A Descoberta

A descoberta
Do século (deu no Clarín) não foi em
Um deserto inóspito, ou na mais longínqua estrela.

Tampouco foi esforço
De um gênio, ou de um louco.
Seu feito se deu pelas mãos de um pescador
Que, ao tentar soltar sua rede das profundezas
Do Rio Curu, descobriu as ruínas de uma cidade.

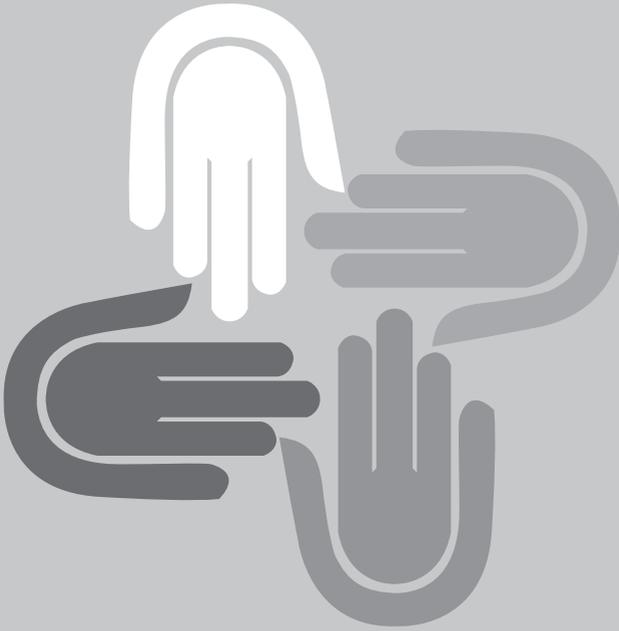
Segundo
Os cientistas pentecostenses, as ruínas
Pertenceram a mais antiga civilização do mundo.

Entretanto, um fato deixou a comunidade
Científica perplexa: a semelhança que há
Entre aquela sociedade primitiva e a nossa.
Circunstância essa que levou os especialistas
A dividirem-na em camadas: inferior e superior.

A inferior, por ser heterogênea,
Foi subdividida e batizada de os pés de chinelo,
Os sem teto,
Os boias-frias,
Os roxos de fome,
Os subnutridos,
Os Paraíbas,
Os judeus,
Os analfabetos e
Os negros.

Já a superior,
Por ser homogênea,
Era a que governava e foi batizada de os sem-vergonha.

Este livro foi composto em Book Antiqua, 9/11, Vladimir Script, 30/38, e
Gautami, 8/9, e impresso na gráfica do Inesp.



Mesa Diretora 2013-2014

Deputado José Albuquerque
Presidente

Deputado Tin Gomes
1º Vice-Presidente

Deputado Lucílio Girão
2º Vice-Presidente

Deputado Sérgio Aguiar
1º Secretário

Deputado Manoel Duca
2º Secretário

Deputado João Jaime
3º Secretário

Deputado Dedé Teixeira
4º Secretário



**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**

INSTITUTO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DO CEARÁ

Inesp

José Ilário Gonçalves Marques
Presidente

Gráfica do Inesp

Ernandes do Carmo
Coordenador

**Francisco de Moura,
Hadson Barros e João Alfredo**
Equipe Gráfica

Aurenir Lopes e Tiago Casal
Equipe de Produção Braille

Carol Molfese e Mário Giffoni
Equipe de Diagramação

José Gotardo Filho e Valdemice Costa (Valdo)
Equipe de Design Gráfico

Lúcia Jacó e Vânia Soares
Equipe de Revisão

Site: www.al.ce.gov.br/inesp

E-mail: inesp@al.ce.gov.br

Fone: (85) 3277-3701

Fax: (85) 3277-3707



**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**

Assembleia Legislativa do Estado do Ceará
Av. Desembargador Moreira 2807,
Dionísio Torres, Fortaleza, Ceará
Site: www.al.ce.gov.br
Fone: (85) 3277-2500